

LITERATURA E HISTORIA DA LITERATURA,  
SENHORAS MUITO INTRIGANTES<sup>1</sup>

MARISA LAJOLO  
UNICAMP

*Of literary history today we may observe that its task is at one with that proposed by Louis Althusser for historiography in general: not to elaborate some achieved and lifelike simulacrum of its supposed object, but rather to produce the latter-concept?"<sup>2</sup>*

Literatura, história e história da literatura<sup>3</sup> entrelaçam-se em vários níveis. As duas primeiras dão-se as mãos, tanto quando a Revolta de Canudos é estudada a partir de Euclides da Cunha, como quando o movimento abolicionista é convocado para explicar a poesia de Castro Alves<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Versão anterior deste texto foi apresentada e discutida no Simpósio **Literatura, história e história literária**, durante o 40. encontro anual da SBPC em 1988, em São Paulo; a problemática que o texto discute faz parte do projeto de pesquisa **O regionalismo na literatura brasileira: seu estatuto teórico e sua inserção na história literária, no caso particular de Monteiro Lobato** que venho desenvolvendo desde 1987 com bolsa do CNPq.

<sup>2</sup> JAMESON, Frederic. **The political unconscious**. (Narrative as a Socially Symbolic act) Cornell University Press. Ithaca, N. York. 1981. p.12

<sup>3</sup> O uso indiscriminado das expressões "história literária", "história da literatura" e "historiografia literária" escuda-se em indiscriminação similar nas fontes a que recorri em busca de rigor terminológico. O verbete *historiografia* da **Enciclopédia Mirador Internacional** (Encyclopedia Britannica do Brasil Publicações LTDA. SP. RJ. Brasil vol. 11) registra, na página 5770, que "a história da historiografia deve ser conceituada como a história da história, isto é, o estudo do que se escreveu sobre o passado humano", mas que a mesma expressão pode também referir-se ao "conjunto de obras concernentes a um assunto histórico, como por exemplo a historiografia da Independência do Brasil, ou a produção histórica de uma época, tal a historiografia romana". A página 5779, referindo-se especificamente à historiografia literária, define-a como "história de uma determinada literatura ou de uma época ou de um gênero ou de várias literaturas comparadas". Manuel Luis Salgado Guimarães, historiador patricio, usa livre e indiferentemente *história*, *historiografia*, *histórico*, *historiográfico* para referir-se aos projetos desenvolvidos sob inspiração do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que também inspirou as primeiras sistematizações cronológico-interpretativas de nossa literatura: "O discurso *historiográfico* ganha foros de cientificidade num processo em que a "disciplina" *história* conquista definitivamente os espaços da universidade" (p.5); "a *historiografia* romântica nos permitiria campo fértil para detectar e analisar tais relações"(p.05); "O lugar privilegiado da produção *historiográfica* no Brasil permanecerá até um período bastante avançado do séc. XIX vincado por uma profunda marca elitista (...). E este lugar, de onde o discurso *historiográfico* é produzido,(...) desempenhará um papel decisivo na construção de uma certa *historiografia* (...)(p.5)"; "É, portanto, à tarefa de pensar o Brasil segundo os postulados próprios de uma *história* comprometida com o desvendamento do processo de gênese da Nação que se entregam os letrados reunidos em torno do IHGB" (p.06); "A fisionomia esboçada para a Nação brasileira e que a *historiografia* do IHGB cuidará de reforçar (...)" (p.6)"; "(...) discussão da questão nacional no Brasil e do papel que a escrita da *história* desempenha neste processo: trata-se de precisar com clareza como esta *historiografia* definirá a Nação brasileira" (p.06); **(O IHGB e o projeto de uma história nacional. Estudos históricos**. Rio de Janeiro, n.1. 1984 (p 5-27)). Welleck & Warren, na versão espanhola de seu clássico **Teoria literária** (Gredos, 1962) registram indiferentemente *historiografia*, *história literária* & *história da literatura*: "Este ideal fue concebido y, dentro de sus limitados medios, realizado por los fundadores de la *historia literaria* de comienzos del siglo XIX: los Schlegel, Sismondi, Bouterweck y Hallan" (p.61); "Sin embargo, el evolucionismo dejó poca huellas en la *historia de las literaturas* modernas (...) indícios en años recientes que auguran la vuelta a la ambición de una *historiografia literaria* general" (p.61/62); "La mayoría de las *historias de la literatura* son historias de la civilización o son colecciones de ensayos críticos" p.304. Na Introdução a sua **História da Literatura ocidental**, O.M.Carpeaux, registra farta bibliografia em cujos títulos alternam-se as expressões *história literária* e *história da literatura*: **Histoire littéraire de la France** (beneditinos de St.Maur)(p.19), a **Historia literaria de España** (Mohedano) (p.19), a **Storia della Letteratura italiana** (Tiraboschi) (p.20) e a **Storia della Letteratura italiana** (De Sanctis) (p.24), a **Histoire de la Littérature française** (Lanson)(p.28), uma **Storia Letteraria d'Italia** scritta da una società di professori (p.28). Na área mais restrita dos estudos literários brasileiros, no Tomo I do **Parnaso brasileiro** (ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros desde o descobrimento do Brasil precedida de uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira por J.M.P.da Silva, publicada por Eduardo e Henrique Laemmert em 1843), as expressões *história literária* e *história da literatura* avizinham-se: se os editores anunciam "uma introdução sobre a *história da literatura* brasileira, compreendendo as biografias de todos os mais abalizados escritores nacionais" (s/p) na página 7, o próprio Pereira da Silva registra que "É novo e muito novo o país, cuja *história literária* nos cumpre agora escrever". Nos "Prolegômenos" ao I Tomo do **Resumo de História Literária** (1872 ?) o Cônego Fernandes Pinheiro faz coexistir, com a *história literária* do título, a expressão *história da literatura*: "Debaixo da denominação de *história da literatura* compreende-se a enumeração e rápida análise das produções literárias"(p.9).

O texto literário enquanto documento da história ou a história como contexto que atribui significado ao texto literário são caminhos que podem colidir no congestionamento da mão única por que enveredam. Nesse sentido, *reflexo, expressão, testemunho, articulação, influência* e similares termos são o léxico que costuma singular o texto literário ao que há, de coletivo e social para aquém e para além de suas páginas. Aliás, a escolha de um ou de outro termo já implica não só menor ou maior grau do entrelaçamento postulado entre literatura e história, como também e sobretudo o *modo* como se postula tal entrelaçamento.

Quem dá mais: história ou literatura?

Nesta imobilizante queda de braço, o *tercius* que pode dialetizar o impasse é a *história da literatura*. Tal como é praticada hoje, além de organizar cronologicamente autores, obras e estilos, a história literária desempenha também a função de abençoar o enlace entre literatura e história, formatando a relação entre ambas.

Desdobramento de antigas bibliotecas, bibliografias ou registros de autores e obras, a história da literatura costuma traduzir-se em obras que (com menos ou mais requinte ...) apresentam a literatura como **continuum** de autores e obras que, ao sucederem-se no tempo, agrupam-se em conjuntos (maiores ou menores; fixos ou instáveis; consentidos ou polêmicos...) que encontram sustentação e sentido em diferentes instâncias, *intra* ou *extra* literatura. Por vezes, o que dá significado a um conjunto de obras ou de autores, é um recorte da vida social: por exemplo, o que patrocina classificações como *literatura colonial brasileira, poesia abolicionista ou romance do ciclo da cana de açúcar*. Esta aliança entre a literatura e a história parece datar da formação das modernas nacionalidades européias, não por acaso contemporâneas dos primeiros grandes projetos da historiografia literária e que forneceram o pressuposto necessário para as histórias das literaturas nacionais<sup>5</sup>.

Tal modo de classificação, entretanto, não é o único: outros arranjos parecem escorar-se em critérios mais intra-literários, como, por exemplo, o que permite identificar um determinado conjunto de textos como *poesia simbolista*, e outro como *drama barroco*.

Mas o simples recortar não basta: a história da literatura precisa atribuir sentido ao recorte que opera no mundo e, ao mesmo tempo, naturalizar tal recorte e tal sentido. Este *sentido atribuído*, que se organiza em função de referências intra ou extra-literárias pode, a partir de certo ponto, desprender-se da categoria que originalmente o legitimava e fundar a categoria *história da literatura*, a partir de então ela própria fiadora de sentidos. É nesta trajetória de apagamentos e reescrituras que se engendra o parentesco enviesado entre *teoria literária* e *história da literatura*, eventual desdobramento das relações entre a literatura e a história.

---

<sup>4</sup> Pode ser sugestivo pensar como *A Guerra do fim do mundo* (L.Losa, 1982) e *A casca da Serpente* (J.J.Veiga, 1988) recolocam a questão. Por outro lado, antologias intituladas *A poesia do Ouro* (Péricles Eugênio da Silva Ramos, Melhoramentos, 1968.), e ensaios batizados como *Aspectos da literatura colonial brasileira* (Manuel de Oliveira Lima, 1896), sugerem a força do extrínseco no arranjo histórico de textos literários.

<sup>5</sup> Em 1741, ao publicar sua *Biblioteca Lusitana*, Diogo Barbosa Machado, na Introdução à obra, apresenta a composição de uma *biblioteca* -versão pioneira de história literária- como parte do projeto de construção nacional: "(...) somente lhe faltava (a Portugal, ml) para último complemento de sua glória publicar a Biblioteca dos Autores, de que foi fecundíssima Mãe, e ser notório aos outros Reinos lhes não era inferior Portugal, assim em o número, como na qualidade dos Escritores. Não faltaram doutíssimos Portuguezes que com grande desvelo empreenderam este grande assunto, de que logo darei uma breve relação, mas como as laboriosas vigílias, que dedicaram a este estudo, não lograram o benefício da luz pública, não se comunicou a sua utilidade à República Literaria".

Ao recortar, dentre tantas práticas discursivas, algumas às quais dá o estatuto de serem "literatura"<sup>6</sup>, em oposição a outras que não o são, história da literatura e teoria da literatura configuram-se órbitas do mesmo sistema institucional: contribuem ambas para a seleção de alguns textos que, recortados do conjunto de seus semelhantes, constituem o canon literário de um gênero, de um período, de uma comunidade<sup>7</sup>.

É, assim, duplo, o perfil da história da literatura: parte de fina malha institucional<sup>8</sup>, é também instância discursiva. É no rastro desta dualidade que ela, a história da literatura, torna-se fundadora de sentidos e inscreve-se em contextos maiores, fazendo parte do conjunto de instituições às quais cabe constante redefinição dos protocolos vigentes entre *vida cultural* (particularmente vida literária) e *sentido de nacionalidade*, projeto de que já faziam parte os organizadores das primeiras histórias das literaturas ocidentais<sup>9</sup>.

Nesse sentido, a história da literatura é, dialeticamente, parte e todo: é contexto de histórias mais particulares do que ela (a história do soneto, do Romantismo, das escritoras do século XVIII francês...) mas precisa também estabelecer seu contexto em formulações superiores a ela, como poderiam ser a história das práticas de escrita e leitura, a história do século XIX ou, no caso da literatura brasileira, a história da América Latina e/ou a história da literatura portuguesa<sup>10</sup>.

No entanto, este exercício de contextualização infinita, de construção constante (e desconfiada) de precisão e rigor cada vez maiores é fadado à instabilidade. Tarefa de Sísifo, os projetos da escrita de uma história dos *vencidos*, dos *marginalizados*, das *minorias*, das *mentalidades*, da *moda* ou da *vida privada*<sup>11</sup> não substituem - por mais sugestivos que sejam seus resultados- a história dos *vencedores* e das *maiorias*, a *história econômica*, a *história social* e a *história política*; ao invés de cancelá-las, articulam-se a estas, sendo o resultado desta articulação uma percepção mais clara do **descentramento** (ou do **multicentramento**?) da formação discursiva resultante.

Se a história das mentalidades não substitui a história política, nenhuma das duas pode tomar o lugar da história econômica que, por sua vez, também não cumpre as funções da história oral: ao eleger como seu objeto **ou** a análise das formas de produção da Idade Média, **ou** o estudo da iconografia bíblica, **ou** o exame filológico de antigos cantares d'amor **ou** mesmo os depoimentos de um moleiro acusado pela Inquisição, o escritor da história -historiador chamado- recorta, seleciona, elege: a constituição *do objeto da história* não se faz pela sagração de um destes textos (como legítimo) e a exclusão dos outros (como falsos): dialeticamente, cada um

---

<sup>6</sup> A propósito da historicidade da noção de literatura cf. EAGLETON, Terry: **Teoria literária: uma introdução** (SP. Martins Fontes) e entrevista de Foucault a Roger P. Droit em 1975 transcrita em 06/01/87 à p. A-38 da Folha Ilustrada da **Folha de São Paulo**.

<sup>7</sup> Cf. MIGNOLO, Walter. *Teorias literárias o teorias de la literatura? Qué son y para qué sirven?* apud **Teorias Literárias en la actualidad**. Ed. El arquero. p.41-78 e MIGNOLO, Walter. *Alfabetização e literatura*. ALFAL, UNICAMP. 1990 (mimeo).

<sup>8</sup> A noção de literatura como instituição .é bem desenvolvida por Peter U. Hoendall (**Beyond Reception Aesthetics**. New german Studies. p.108-146). Categoria bastante operativa como mediadora entre o social e o individual, para Hoendall *instituição* supõe tanto um certo aparato de organização material.( da Imprensa autorizada e instalada por D.João VI aos bancos de dados de projetos de pós graduação) quanto um sistema (implícito ou explícito, homogêneo ou heterogêneo) de práticas, normas, regras, convenções & similares (a crença na autonomia do estético, a percepção de um certo conjunto de linhas como *estrofe* e de outro como *parágrafo*, a expectativa de superioridade do lirismo sobre a sátira, a busca de uma estrutura de oposições em qualquer texto...) que produzem textos & leituras reconhecíveis como literários.

<sup>9</sup> No começo de nossa vida de país independente, esta aliança também se traduz na sobreposição de funções políticas e culturais exercidas pelos mesmos intelectuais que ora nas Câmaras, ora no Instituto Histórico e Geográfico, ora em Paris (para onde os financiava o Imperador), produziam, alternadamente, constituições, profissões de fé e histórias literárias.

<sup>10</sup> No prefácio de 1957 à 1.ed. da **Formação da Literatura Brasileira**, Antonio Cândido qualifica a literatura brasileira como *galho secundário da portuguesa, por sua vez arbusto de segunda ordem no jardim das Musas* ( Antonio Cândido. **A formação da literatura brasileira**. (momentos decisivos) Livr. Martins Editora, 2.vol. 1.vol. p.9). A contextualização histórica e ideológica desta valorização, inscrevendo-a na discussão das necessárias condições de produção do texto e da leitura literárias ocorre, de forma muito sugestiva, em trabalhos posteriores de Antonio Cândido, onde ele, por assim dizer, *latinoamericaniza* a reflexão sobre as relações literatura /sociedade. Cf *Literatura e sub desenvolvimento*, cuja primeira publicação data de 1970 e que foi republicado em **A Educação pela noite** (SP. Ática.1987) e **La literatura latino-americana como proceso** (Org. Ana Pizarro. Vários autores. Bibl. Universitárias. Association pour l'etude socio-culturelle des Arts, des Littératures de l'Amérique Latine - Centro editor de America Latina.1985).

<sup>11</sup> Penso, aqui, no conjunto de projetos e de discussões que, não obstante sua diversidade, inspiraram-se na Ecole des annales.

com cada outro e todos entre si correspondem à visão (fragmentada) de real que é possível construir-se em diferentes momentos.

As histórias *alternativas* que hoje se escrevem, além de esgarçarem seu caráter alternativo na tendência que manifestam de canonizarem-se a si mesmas enquanto discurso e a seus objetos enquanto História, são inevitavelmente solidárias: somam-se às histórias tradicionais, reajustam detalhes, iluminam recantos, abrem brechas, alteram significados. De qualquer forma proscvem, por ingênuas e enganosas, a reconfortante hipótese de que *agora, sim, te(re)mos uma história de verdade !!*

Não: não temos e nunca teremos.

Em questões de história, talvez não haja verdades nem mentiras: nenhuma história *é* o real: muito pelo contrário, o real *é* que, às vezes acaba sendo percebido sob as formas que o discurso histórico que sobre ele se faz lhe permite assumir para tornar-se inteligível.

Com vistas a escorar na concretude da narrativa os pressupostos até aqui discutidos, as reflexões abstratas temporariamente cedem espaço à trivialidade circunstancial do caso de um hipotético pesquisador interessado em escrever uma *história da história da literatura brasileira*.

O problema inicial deste historiador faz-de-conta seria definir o conjunto de histórias literárias a levar em consideração: *que conjunto de histórias literárias brasileiras constitui a história da literatura brasileira?*<sup>12</sup>

Depois de identificar o maior número possível de histórias literárias, a próxima etapa seria estabelecer recortes no interior do corpus; sub-conjuntos, cujos significados, construídos pelas oposições mútuas e múltiplas, de cada um com os demais, iriam constituindo o sentido histórico do objeto em estudo.

Dependendo da finalidade para a qual nosso herói escrevia sua história, de recorte em recorte, quem sabe se chegasse a uma primeira grande periodização, tomando o ano de 1888, data de publicação da **História da literatura brasileira** de Sílvio Romero como divisor de águas: para quem dele, histórias literárias por assim dizer escritas de ouvido; para além, obras mais orgânicas, cuja sistematização metodológica e quantidade de autores incluídos garante-lhes fôlego que ainda satisfaz o que hoje se espera de uma história da literatura.

Esta periodização talvez não tenha sido a primeira a ocorrer a nosso pesquisador, mas foi (no nosso enredo) a primeira a atraí-lo como passível de produzir resultados verossímeis: outros sub-recortes e rearranjos poderiam ocorrer a partir daí, como, por exemplo, estabelecer no interior de cada categoria sub-conjuntos em função da nacionalidade dos autores, local de publicação da obra, inclusão ou não de excertos, etc.

Numa etapa posterior, debruçando-se sobre as histórias *anteriores* a Sílvio Romero, nossa personagem registraria (talvez com uma certa surpresa...) as grandes coincidências entre os juízos críticos que diferentes autores emitiam, quando se ocupavam da produção literária brasileira<sup>13</sup>.

As primeiras histórias da literatura a fazerem referência ao Brasil ainda o mencionavam como colônia portuguesa, de forma que o que hoje, para nós, faz parte do capítulo da literatura colonial brasileira, em tais obras faz parte do estudo da literatura portuguesa, em seu capítulo do ultramar: são sempre os mesmos autores, os mesmos textos transcritos, os mesmos juízos críticos, ainda que estas histórias pioneiras proviessem de contextos diversos, como o latino de Sismondi e o saxônico de Bouterweck.

A semelhança entre os juízos que cada um deles faz a propósito da amostra selecionada de poesia brasileira, *é* grande. Começa pela escolha coincidente de autores e textos para ilustração de um ou de outro *momento*, e se prolonga no recurso às mesmas metáforas, a partir de certo ponto (o lançamento da obra de Ferdinand Denis em 1826 ?), solidifica-se no tom *normativo* do discurso<sup>14</sup>. *É* assim que a história da literatura

---

<sup>12</sup> MIGNOLO, Walter. *Teorias literarias o teorias de la literatura ? Qué son y para qué sirven?* apud **Teorias Literarias en la actualidad**. Ed. El arquero. p.41-78.

<sup>13</sup> Conferir o quarto tomo da ambiciosa obra de Bouterwek: **Geschichte der Poesie und Beredsamkeit** (História da poesia e da eloquência portuguesa) obra de 1805 traduzida em 1812 para o francês; cf também, a obra de Sismondi em 4 tomos **De la littérature du Midi de l'Europe** de 1813 . cujas páginas p 260-588, dedicadas a literatura portuguesa fazem referência ao Brasil; cf ainda o **Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil** em 1826 de Ferdinand Denis e, no mesmo ano, o **Bosquejo de história da poesia em língua portuguesa** de Garret; cf., finalmente, **Le Brésil Littéraire** de Ferdinand Wolff, obra de 1855. Tais textos estão disponíveis em **Historiadores e críticos do Romantismo**: 1. A contribuição europeia: crítica e história literária, Organização de Guilhermino César. RJ. Livros Técnicos e científicos; SP.EDUSP. 1978.

<sup>14</sup> Ver Zilberman, Regina. Letras hoje. .)

acaba por patrocinar firme gerenciamento da literatura que, historizando, ela legítima, como poderia concluir nosso historiador faz-de-conta, como resultado parcial -e aplaudido!- de seu projeto.

Cumprida a tarefa confiada ao hipotético historiador convocado lá atrás, a narrativa sai de cena, tendo ensinado que é na perspectiva de uma *história da história da literatura* que se abre a discussão do estatuto teórico da história da literatura e de suas funções. É nesse espaço que se inscrevem as problematizações necessárias a uma releitura da história da literatura brasileira que tenha em vista a compreensão de seu papel no conjunto de práticas culturais programaticamente envolvidas com o desenvolvimento, consolidação e transformações da imagem nacional necessária aos sucessivos projetos que pretende(ra)m (re)desenhar o país. A história da literatura também faz parte das formulações necessárias para a construção de uma Nação que combine com um Estado moderno, como se acreditava ser aquele que D. Pedro proclamou às margens plácidas do Ipiranga.

Esta *história da história* paga dividendos a uma das mais importantes lições de Frederic Jameson<sup>15</sup>, que ensina a necessidade de historizar não apenas os objetos do conhecimento, mas também as categorias através das quais tal conhecimento se constrói: da história de autores e obras, à história da história. Ou seja: a história da literatura não é só uma *disciplina que historiza processos e produtos*; enquanto disciplina, também ela é *historizável*.

#### Metahistória.

Como já foi sugerido, a idéia de que a literatura (seus processos, seus produtos, seus produtores, seus leitores-usuários-consumidores, suas instituições) é *passível de história* surge contemporaneamente ao movimento de afirmação das nacionalidades européias, então a braços e às turras com a tradição clássica, de sotaque aristocrático. Ou seja: o nacionalismo ufanista de linhas e entrelinhas de obras mais antigas da historiografia literária brasileira parece não constituir marca específica de *nossa* historiografia literária. Parece, ao contrário, marca comum dos primeiros historiadores da literatura, levantando uma questão interessante: o sentido da história da literatura - e, sobretudo de uma história da literatura com traços fortes de ufanismo nacionalista- em países nos quais organização e ascensão de uma burguesia nacional já se expressava por antiga tradição cultural escrita (como Alemanha, França ou Inglaterra) pode ser o mesmo que em países como o Brasil, onde a fundação da nacionalidade é contemporânea da fundação de sua história da literatura?

Parece que não.

A historiografia literária moderna, nascida no bojo de projetos de afirmação nacional dos emergentes estados burgueses da Europa opunha a historicidade à estaticidade do mundo clássico, podendo articular-se a universalidade deste, por uma espécie de metonímia, aos interesses despaisados da aristocracia. Se na história são múltiplas as relações que se estabelecem entre ascensão burguesa e nacionalismo, no caso da história da literatura, tal relação parece estreitar-se no enlace entre Romantismo e História da literatura. No caso particular da história da literatura brasileira, sem tradição clássica que lhe fizesse sombra, é a própria cultura do colonizador, a tradição literária portuguesa, que inspira, na primeira hora, as necessárias categorias da história da literatura.

Nesse sentido, vale notar que a presença do adjetivo "nacional", no título de algumas produções de cunho acentuadamente histórico, e que incluem em seu corpus autores e excertos portugueses<sup>16</sup> parece referendar a complexidade da questão, mal resolvida, aquém e além-mar.

A discussão prossegue concebendo-se a literatura como prática social consolidada através de obras que circulam através de malha de bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, jornais e revistas, exigindo tal prática infra-estrutura para a produção de objetos impressos e projetos de alfabetização que formem leitores<sup>17</sup>. Esta noção da literatura, ao mesmo tempo institucional e discursiva combina bem com a impressão de que, no Brasil, a história da literatura precede a existência da literatura.

Não é, pois, de estranhar, que o discurso de tal história assuma e mantenha tom normativo.

---

<sup>15</sup> JAMESON, Frederic. **The political unconscious**. (Narrative as a Socially Symbolic act) Cornell University Press. Ithaca, N.York. 1981.

<sup>16</sup> O exemplo mais eloquente é a **Antologia Nacional** de Fausto Barreto e Carlos de Laet que, a partir de 1895 é maciçamente adotada no ensino brasileiro.

<sup>17</sup> Cf. LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina **A leitura rarefeita** Ed. Brasiliense. SP. 1991.

O que mais se poderia esperar de uma história da literatura comprometida com a viabilização social do objeto (literatura) que, historiando, ela *produz*, viabilizando com isso que tal objeto (a literatura) cumpra função específica no projeto de consolidação nacional? E mais: dada a precaridade da estrutura disponível no Brasil para cultura escrita- que tipo de vínculo pode estabelecer-se entre elaboração, multiplicação e sofisticação de projetos de história da literatura e o encorpamento de instituições culturais?

Várias correlações são sugestivas, mas a mais produtiva para este trabalho, é a que entrelaça os primeiros documentos da história da literatura com projetos assumidos por instituições disponíveis e em criação. A história da literatura parece incrustar-se nas instituições do estado moderno, vínculo este que, na história da história da literatura europeia desemboca e traduz-se, no processo de inclusão das literaturas nacionais modernas no currículo escolar<sup>18</sup>.

Não obstante o movimento inicial da escrita de nossa história da literatura tenha a chancela do recém criado Instituto Histórico e Geográfico e de alguns projetos editoriais interessados no resgate da tradição literária brasileira, no horizonte dela e nos acanhados limites da realidade cultural brasileira, também aqui a escola e seus arredores constituem pontos importantes no percurso social pelo qual a história da literatura cumpre sua função ideológica<sup>19</sup>.

A aliança *escola-história literária* manifesta-se, por exemplo, no expressivo número de obras que incluem, em seu título, a expressão "compêndio" ou "manual"<sup>20</sup>: estas, já na denominação, voltam-se para o circuito escolar. selando a parceria escola/história da literatura, parceria que também se sugere pela multiplicação de projetos de história da literatura nos arredores de alterações significativas no currículo escolar (do secundário à universidade), além da já mencionada participação de autores de histórias literárias em diferentes instituições voltadas para a vida cultural, mas sobretudo na sala de aula.

Por outro lado, o projeto de história da literatura brasileira -ao menos como ele se configura em obras anteriores à de Sílvio Romero - não é, no seu conjunto, muito dissonante dos projetos de história da literatura que, a seu tempo, desenrolaram-se em outras partes do mundo ocidental. Aliás, alguns projetos de historiografia literária brasileira foram levados a cabo em Paris<sup>21</sup>, o que parece traduzir em proximidade geográfica o que, em outro registro, é influência ideológica.

Pode-se, assim, deitar no divã os primeiros historiadores de nossa literatura: candidatam-se a ele figuras como Ferdinand Denis e Almeida Garrett, cujos ensaios atribuem superioridade virtual à literatura brasileira sobre a portuguesa (ainda que na obra de tais autores aquela faça parte desta...) Mas, como intelectuais europeus que se ocupam de uma literatura americana, figuras como Denis e Garrett vivem o papel de agentes duplos: são, de um lado, filhos que precisam matar o pai; de outro, homens de seu tempo, são pais de si mesmos, e assim, candidatos exemplares ao papel de vítima deste Edipo de espelhos...

Constatar, contudo, que o nacionalismo que paira no horizonte de nossa história da literatura desde o seu nascimento é parente próximo do nacionalismo que igualmente pairava sobre as nascentes histórias literárias do mundo ocidental, evidentemente, não iguala nem nacionalismos nem histórias literárias, mas dá à questão um tom de álbum de família.

Pois, se as histórias literárias nascem no bojo dos processos de afirmação das jovens nacionalidades europeias e por isso precisam neutralizar a tradição clássica em nome da qual se abafavam expressões de cultura nacional (nesse então *regional* ?), os elementos americanos que os olhos dos primeiros historiadores de nossa

---

<sup>18</sup> Cf. GRAFF, Gerald: **Professing Literature: an institutional history**. The University of Chicago Press; cf. também "A ascensão do Inglês" in EAGLETON, Terry: **Teoria literária: uma introdução**. Martins Fontes. SP. s/d p.19-58. Para o caso brasileiro, cf. LAJOLO, Marisa: "No jardim das letras, o pomo da discórdia" apud **Boletim 3/4 ALBS RGS** p. 10-27., 1988.

<sup>19</sup> Cf. LAJOLO, Marisa. *No jardim das letras, o pomo da discórdia* apud **Boletim 3/4 ALBS RGS** p. 10-273, 1988.

<sup>20</sup> Sílvio Romero é exemplar deste trânsito: sua **História da literatura brasileira**, publicada em 1888, é indicada, em 1892 para o sexto ano do Ginásio Nacional. Em 1906 Sílvio Romero e João Ribeiro escrevem um **Compêndio da história da literatura brasileira**, versão por assim dizer facilitada da obra anterior, e que reforça a idéia da inadequação da obra de 1888 para consumo escolar e, por tabela, a especificidade deste circuito.

<sup>21</sup> Cf. Gonçalves Magalhães, Torres Homem e Porto Alegre: **Résumé de L'histoire de la littérature ,des sciences et des arts ao Brésil**. Comunicação ao Instituto Histórico de Paris em 1834 ; cf. o *Ensaio sobre a história da literatura brasileira* (estudo preliminar) de D.J.G. de Magalhães, no 1. número da **Niterói, Revista Brasiliense**, editada em Paris em 1836.

literatura se esmeravam em encontrar (e aplaudir...) em nossas letras, transformam-se em argumentos fortes **a**) da pujança virtual de culturas em descompasso com a tradição clássica; e **b**) do vigor da própria cultura européia -em sua vertente por assim dizer nacional popular- que, tendo colonizado as áreas onde afloravam tais americanidades faziam jus a parte considerável dos louros que a história (agora maiusculizada História...) com tanta generosidade distribuía por longínquos rincões da América, **proscrevendo** a retomada de temas e linguagens classicizantes e **prescrevendo** a busca de inspiração na própria realidade americana. Parece então fortalecer-se a noção de uma história da literatura comprometida com a afirmação da identidade da produção literária de um dado segmento social. Assim, com o nacionalismo na algibeira dos bolsos, a primeira hipótese é que, muito embora toda história da literatura sirva sempre de legitimação para a produção cultural de um determinado segmento social, seus meandros não são nem tão simples nem tão lineares como faz supor a história da história da literatura brasileira em seus inícios, quando a parcimônia de obras, o gigantismo do projeto de construção nacional e a diretividade com que os intelectuais se envolviam nele faziam crer que havia um só vilão e um só herói.

Vilões e heróis são muitos, hoje.

Vilões e heróis são quase tantos quantas são as histórias literárias, as quais tanto se repetem, que mais vilinizam vilões e heroificam heróis.

No afã de conjurar a tentação de reescrever a história meramente para canonizar os desaureolados e desaureolar os santificados, registre-se que inúmeras modalidades de escrita literarizável coexistem em todos os momentos, participando da arena onde se trava a luta pela hegemonia. Assim como a oratória e a historiografia tendem a desaparecer entre os gêneros registrados pelas histórias da literatura (pois oratória e história não mais são literatura...) o lugar destes exilados do Olimpo tende a ser rapidamente ocupado por outro tipo de discurso, já "literarizado" ou em fase de "literarização" como, por exemplo, a crônica ou a música popular...

Postula-se aqui a existência de um **sistema literário** no mesmo sentido em que a linguística saussureana concebe um **sistema linguístico**: conjunto de elementos de tal forma solidários que alterações de posição e/ou de natureza de qualquer um deles, altera todo o conjunto. O desenvolvimento desta hipótese não permite isolar um determinado segmento do continuum de manifestações do fenômeno, uma vez que o que precisa estar em foco é exatamente a *relação* entre os elementos e, sempre que o arranjo quer chamar-se *histórico*, esta relação assume forma sequencial cronológica.

Não se trata jamais de uma sequência natural, ainda que seja cronológica: trata-se de uma sequência cujo estabelecimento passa pela mediação de inúmeras leituras seletivas que, pautando-se por igualmente seletivos protocolos (de leitura literária) foram aprovando certas obras e rejeitando outras, num gigantesco processo de seleção e combinação, cujo resultado constitui o canon da literatura brasileira.

Esta cristalização do canon -sua alteração, a substituição de alguns de seus componentes, a manutenção de outros, a reinterpretção do conjunto- é fortalecida e naturalizada pela fiança que dá a semântica dos predicados que a tradição dos estudos de história (e não apenas da história da literatura) costuma atribuir às operações intelectuais das quais resulta o texto histórico: *rigor, distanciamento, objetividade* são as atitudes em nome das quais o texto que se pretende histórico parece apagar o caráter (inevitavelmente) seletivo dos atos pelos quais autores e textos, linguagens e temas se fazem história, e esta história se faz História.

De novo, há que esconjurar o risco.

O esconjuro final possível é a leitura múltipla, o deslocamento constante, capaz de perceber, por exemplo, que em textos pioneiros da história da literatura brasileira, o **americano** é bom porque é oposto a *européu* o qual, por sua vez é ruim, porque é idêntico a *clássico*; mas, o olhar que percebe isso tem de perceber também que o mesmo traço de *americanidade*, ao ser apontado no interior de uma poética que tem como padrão de comparação *Metastásio*, pode estar contaminando com esquizofrenia o nascente discurso histórico-crítico fiador e laudatório da americanidade.

Fica, assim, interdito caminhar em linha reta, ou limitar-se à geometria plana.

Mais do que um sistema de cruzamentos, *literatura, história literária e teoria da literatura* constituem uma grande constelação, onde obras e categorias se atraem e se repelem, num movimento no qual o nacional torna-se, numa certa conjuntura, fração de um todo maior (configurando, assim, num certo sentido, o regional...) para, no momento subsequente, configurar o polo oposto: o contexto maior e a categoria mais geral à qual se opõe, por exemplo, o regionalismo, ficando entendido, obviamente, que a definição e extensão de todas estas

categorias articulam-se com definições e extensões de outras categorias, de dentro e de fora do sistema literário, o que sugere a necessária interdisciplinaridade de estudos que queiram dar conta das relações entre história, literatura e história da literatura, senhoras que se entretêm a assoprar aos ouvidos de quem as quer compreender, que *la donna e mobile*.